

VIDA E MORTE DE JOSÉ DO TELHADO

Carlos Morais

*Aventureiro ou herói,
a lenda e a legenda encarregaram-se de lhe dar
um claro-escuro
que ainda hoje apaixonava quem dele se aproxima*

A JUVENTUDE

José Teixeira da Silva, vulgarmente conhecido por José do Telhado, nasceu em 1816, junto de Penafiel, na freguesia de Castellos de Recesinhos, lugar do Telhado, e daí a razão da alcunha pela qual foi sempre designado.

A vida de seu pai havia andado envolta em mistério, dando ele sempre explicações lícitas às suas longas ausências, donde regressava com avultado pecúlio, que permitia à família farta mesa e vida desafogada.

Já um seu tio-avô, por alcunha o "Sodiano" se tornara célebre como salteador, e ninguém nesses tempos se atrevia a atravessar a Serra do Marão sem sua licença.

Tinha José do Telhado uma tia, casada com um francês, castrador de profissão e que residia em Lousada. Muito moço ainda, com catorze anos, começou a ganhar a vida como aprendiz, em casa de seu tio.

Foi então que se tomou de amores pela prima, Ana Sentine de Campos. O namoro decorria às ocultas, até que certo dia José do Telhado decidiu confessar ao tio a paixão que os ligava e pedir-lhe consentimento para se casarem. Este, contudo, que pretendia ligar a filha por laços de matrimónio a um abastado lavrador da região, não anuiu às solicitações do sobrinho.

José do Telhado desgostoso, viu assim baldado o sonho que há muito acalentava, e muito embora correspondido, nada lhe podia servir de lenitivo ao seu coração amargurado; nem tão-pouco o amor que lhe dedicava Maria Genoveva, a mais linda moça da aldeia.

Deste modo, decidiu deixar Castellos de Recesinhos, certo de que encontraria, no afastamento, o remédio para a paixão que o prendia à Aninhas.

O MILITAR

José do Telhado partiu então para Lisboa, assentando praça no



JOSÉ DO TELHADO

Regimento de Lanceiros da Rainha, hoje designado Regimento de Polícia do Exército, aquartelado, como actualmente, na Calçada da Ajuda.

Valente, desembaraçado e garboso no seu uniforme, em breve ganhou a amizade e a admiração dos superiores e camaradas.

Um dia, em Benfica, quando ali passava o Círio do Cabo, o cavalo em que seguia um pequeno pagem tomou o freio nos dentes e lançou-se em veloz galopada, arrastando o jovem, apenas preso por um pé ao estribo. José do Telhado, generoso e destemido, corre pressuroso e consegue deter o animal e salvar assim o cavaleiro, sendo alvo dos maiores aplausos da multidão, que o levou em triunfo.

Em 1837, na revolta dos Marechais, é integrado nas hostes do Duque de Saldanha e distinguiu-se nos combates de Chão da Feira e de Ruivães. Mais tarde, ao recordar o seu baptismo de fogo decorrido por estas paragens e exprimindo-se da maneira jocosa que o caracterizava, dizia: — Lá ouvi a cantiga das primeiras balas, e algumas me queimaram o cabelo, e vinham dizer-me ao ouvido que estivesse

sossegado. O Barão de Setúbal disse-me uma vez que chovia balas; e eu mostrei-lhe a lança, e disse: cá está o guarda-chuva, meu general, deixe chover!

Foi por essa ocasião que recebeu uma carta de Aninhas, comunicando-lhe que o pai dera finalmente o seu assentimento, pelo que deveria regressar imediatamente à aldeia, para se casarem. Via assim realizado o sonho que há muito ambicionava. Casaram enfim. Foram felizes os seus primeiros anos de casado, vivendo desafogadamente com a sua mulher e filhos, não esquecendo porém os desprotegidos, com quem sempre compartilhava os cobres que recebia do seu trabalho honrado.

Surgiu entretanto a revolução popular de 1846. Oferece os seus serviços à Junta insurrecional, na arma de cavalaria, e é dado como ordenança a Sá da Bandeira.

Em Valpaços, durante temerosa batalha, apercebe-se, num relance, de que três soldados da cavalaria cabralista avistam Sá da Bandeira e se propõem aprisioná-lo. Corre lesto ao seu encontro, não esperando pela investida dos adversários. Desarma o primeiro de um golpe, fere mortalmente o segundo e persegue o terceiro que, fugindo em corrida desabalada, acaba igualmente por cair morto.

Sá da Bandeira, que seguira atentamente o gesto valoroso de José do Telhado e ficara surpreendido com o seu sangue-frio e espontânea dedicação, chama-o e diz-lhe: — O Senhor é um valente, merece o galardão dos valentes.

E, ao pronunciar estas palavras, tirou do peito o colar da Torre e Espada, que nunca abandonava, e colocou-o na farda de José do Telhado.

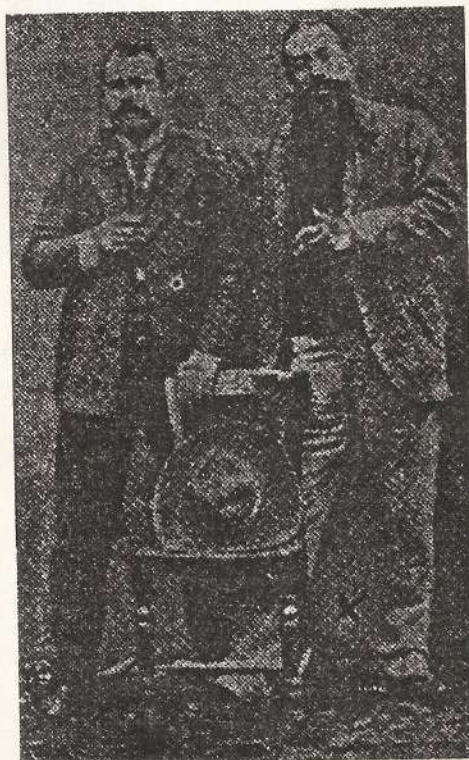
O SALTEADOR

Por esta altura, já a sua casa estava onerada de dívidas e vê-se perseguido implacavelmente pelos credores e pelas autoridades, estas avessas às suas ideias políticas.

Com a família quase na miséria, procura emprego fora da terra, mas vê baldados todos os seus intentos.

Em 1849, o célebre salteador Custódio Boca Negra, aproveitando o período adverso que José do Telhado atravessava, propõe-lhe a constituição de uma quadrilha. Inicialmente recusa. Porém, vendo nesse mau passo a única forma de matar a fome da mulher e dos filhos, cujas lágrimas de angústia lhe despedaçam o coração de marido e pai extremo, acaba por aceitar.

Na noite de 12 de Dezembro de 1849, José do Telhado, que se tornara o chefe da quadrilha, toma parte no assalto à casa do proprietário Maciel da Costa, de Macieira.



*JOSÉ DO TELHADO
com seu irmão Joaquim*

Aninhas, ao ter conhecimento de que o marido estava implicado no assalto, tentou suicidar-se.

José do Telhado, desgostoso, resolve então partir para o Brasil, mas regressa a Portugal em 1851, movido pelas saudades da família.

Porém, a partir dessa data, segue-se a avalanche de assaltos cometidos por José do Telhado, que trouxeram alvoroçadas as populações do Minho, Douro e Trás-os-Montes, tornando-se particularmente conhecido o assalto à Casa do Carrapatelo, tristemente assinado pela morte de um dos criados do Solar.

No tropel, roubava aos ricos para dar aos pobres e manifestava atitudes de extrema generosidade e gratidão, lutando contra a adversidade imerecida e procurando, em vão, a ajuda dos amigos.

Cena curiosa, que atesta tais virtudes e que merece ser contada, passou-se numa aldeia nas cercanias de Santa Marta de Penaguião, no inverno de 1851.

Ali, em casa apalaçada, residia o abastado lavrador Francisco da Silva.

Certa noite, em que fortes bátegas de água fustigavam as vidraças e o clarão dos relâmpagos iluminava os salões do velho solar, alguém bateu à porta.

Receosa, a criadagem não se atreveu a abri-la. Foi o dono que o fez.

Surgiu-lhe pela frente um homem alto, envolto numa manta, das que então se usavam, ensopado dos pés à cabeça.

Tirou o chapéu e pediu guarida até que o temporal amainasse. Disse chamar-se João Rodrigues, ser marchante e residir no Porto.

Foi acolhido com hospitalidade e não só partilhou da refeição que então tomavam, como lhe foi oferecido alojamento para passar a noite, o que agradeceu e aceitou.

Mantiveram ainda por largo tempo amena conversa, falando das quadrilhas de salteadores que então avassalavam a área, e do nome de José do Telhado, o mais conhecido de todos.

Recolheram aos seus quartos já ia adiantada a noite. No dia imediato, estranhou Francisco da Silva que o seu hóspede não desse sinal de vida. Receando que algo de anormal se tivesse passado, bateu à porta do quarto e como não obtivesse resposta, resolveu entrar.

Ninguém ali se encontrava. Deparou apenas em cima da mesa com uma folha de papel onde estava escrito o seguinte:

Ilmo Sr. Francisco da Silva:

Fique V. S^a ciente de que deu guarida em sua casa ao José do Telhado. Muito grato ficou ele pela inexcedível hospitalidade recebida. Nunca se esquecerá desse favor. O José do Telhado não será bom, mas também não merece a fama que os seus inimigos lhe atribuem. Aqui lhe deixo uma recordação em memória da bizarria da sua recepção. O bilhete junto livrá-lo-á de quaisquer maus encontros. Pode, com ele, percorrer, de dia ou de noite, as estradas ou carreiros que melhor lhe apeteça. Ninguém o incomodará. Vá confiado.

Seu mui at^o ven^o e am^o m^o obg^o

José do Telhado

Ficou pasmado o lavrador com o que acabara de ler. Mal podia acreditar que tivera como hóspede

o célebre salteador José do Telhado.

Entretanto, largos meses decorreram. Um dia, Francisco da Silva regressava a casa ao cair da tarde, após visita às suas propriedades, trazendo consigo importante soma, resultante de transações que efectuara. Eis senão quando saltou-lhe ao caminho um meliante que, de pistola apontada, o intimou a entregar todo o dinheiro que possuía.

Ao lavrador ocorreu-lhe, de imediato, o bilhete que José do Telhado lhe dera e que, desde então, sempre o acompanhara. Exibiu-o ao quadrilheiro e aos outros que, do arvoredo, haviam surgido. Examinado o salvo-conduto, foi Francisco da Silva deixado seguir em paz, sendo porém acompanhado por um elemento do grupo, que o protegeu até perto de sua casa. Despediu-se, agradeceu e disse para consigo: "Há ladrões mais honrados do que gente de bem".

Perseguido por uns, incompreendido por muitos que ajudava, vê-se contudo forçado a recorrer à generosidade de vários amigos, para que lhe valham no período difícil que atravessava. A carta inédita que se publica, dirigida ao Sr. Manuel Pereira, da Casa do Calvário, de Penafiel, é um documento curioso, que atesta a situação angustiante em que José do Telhado vive, por alturas de Julho de 1857. Diz ela:

Ilmo Sr.

Estimo muito que estas duas letras bom achar desfructando felis saúde em companhia de quem V. S^a mais deseja pois a minha afazer desta he bom a mas como desgrasado de muntanha em muntanha. Ilmo Sr. por esta bou a os pés de V. S^a para me valler nesta ocasião

como pai da caridade com uma esmola por eu andar a 8 anos desgrasado sem em Deus que algum dia hei-de saver agradecer pois he a maior esmolla que V. S^a tem feito em toda a sua vida pela minha desgrasa e com isto não enfado mais deste seu creado a vida lhe dezeija por muitos annos deste que he

*De V. S^a o Menor Creado
(a) José Teixeira da S^a, do Tilhado*

N.B. — o portador desta he meu filho.

Julho 1 de 1857

Os assaltos do famoso José do Telhado vão, porém, sucedendo-se em ritmo cada vez maior, provocando alarme entre as populações de Barcelos, Braga, Amarante, Louzada, etc..

Entretanto, o ciúme de uma mulher, veio provocar duro golpe na quadrilha.

Maria Genoveva, ferida no seu orgulho desmedido, nunca perdoara a José do Telhado não ter correspondido ao amor que lhe dedicava. Os anos haviam decorrido e a mágoa, que não se desvanecera, tornara-se em verdadeira obsessão.

Casara entretanto com "José Pequeno", homem de agigantada estatura e o elemento mais cruel da quadrilha de José do Telhado. Maria Genoveva sentia que não podia viver mais tempo naquele tumultuar de paixão que, em boa verdade, se transformara num sentimento de ódio. Resolve então agir.

Como vingança, propõe ao marido a denúncia às autoridades do local que José do Telhado escolhesse para pernoitar, que nunca era o mesmo, acossado como então andava.

E, a breve trecho, a trama foi posta em prática. Ao raiar da ma-

Mano J.
M. P.

Estimo muito que estas duas letras bem achem de
fructando feliz saude um com p. de quem S. P. mais
deixa pois amanha a fazer desta he bonna mas
colmo des gradado de muntaria em montanha.

Mano J.
M. P. por esta bou a espas de S. P. para me
valler neste o Cariao como poi da Caridade com
uma es molha por eu andar a 8 annos de gra
dade sem poder ganhar amanha vida pois eu
pero um Deus S. algum dia ha de fazer a
gradado pois he a maior es molha q. se ja
feito um toda a vida pela minha de q. nada
com isto nao em fado mais deste subterano
a vida he de vida por 11, annos deste que
he

No Pastor desta
herma Filho

De S. P. Calvario

Julho de
1857

Jose Teixeira do S. do Telhado

Carta de JOSÉ DO TELHADO ao Snr. MANUEL PEREIRA,
da Casa do Calvário

nhã, quando o salteador, na companhia de alguns dos seus homens, se acoitava numa caverna disfarçada com grandes moitas de tojo, vê-se surpeendido por uma importante força da polícia, comandada pelo administrador do Marco de Canavezes, Adriano José de Carvalho e Melo.

Havia que actuar com rapidez. Restava-lhe apenas fugir.

Em correria doida, vertiginosa, José do Telhado, com a sua agilidade incomparável, surge de surpresa e consegue furar o cordão do cerco que lhe moviam. Fazendo fogo, detém momentaneamente os seus perseguidores para, de se-

guida, sem embrenhar no mato. Mas eis que, em dado momento, é atingido nas costas, por uma bala. Consegue no entanto pôr-se a salvo.

No dia imediato, teve José do Telhado a confirmação, de que, como aliás suspeitava, o seu companheiro o traira.

Ao anoitecer, dirigiu-se à Lixa, onde o traidor morava e, entrando de rompante em sua casa, disse-lhe:

— Não te quero matar à traição; previne-te como quizeres, que um de nós há-de morrer aqui.

— Ou ambos! — disse "José Pequeno", lançando mão da faca.

— Ou isso! — redarguiu José do Telhado, sacando de uma tesoura e acrescentou — Hei-de cortar-te com ela a língua.

Na primeira arremetida deitaram por terra a vela que iluminava o quarto.

No meio da escuridão entregaram-se a uma luta feroz, desesperada. José do Telhado recebe profundo golpe num braço mas, rapidamente, consegue dominar o adversário e crava-lhe na garganta a arma com que lutava. Pouco depois "José Pequeno" expirava.

Ao outro dia, José do Telhado, montado a cavalo, apareceu na Lixa e disse à multidão que se aglomerava à porta do morto: — Se não sabem quem matou este traidor, aqui o têm!

Todavia, as condições de vida do salteador agravavam-se dia a dia e sente-se perseguido por todo o lado.

Já a bordo da barca "Oliveira", quando esta estava prestes a partir, isto a 31 de Março de 1895, é José do Telhado preso pelas autoridades, por denúncia de alguém.

NA CADEIA DA RELAÇÃO DO PORTO

A folha da cidade do Porto, o "Nacional", dava conta da notícia, nos seguintes termos:

IMPORTANTE

Caiu nas mãos da justiça o célebre José do Telhado!

Hoje, pelas dez da manhã, deu entrada na prisão do Carmo, conduzido de bordo da barca "Oliveira", que estava pronta a sair para o Rio de Janeiro.

Esta importante prisão é devido aos esforços do Senhor Adriano José de Carvalho e Melo, ex-administrador do Marco de Canavezes, o qual tendo recebido informações de que este malvado se preparava para se evadir para o Brasil, preveniu a autoridade desta cidade, indicou-lhe a embarcação em que devia sair e conseguiu-se a captura do facínora.

Damos os parabéns aos povos de Louzada e Felgueiras, onde fora o teatro das façanhas deste criminoso.

José do Telhado dá entrada, mais tarde, na cadeia da Relação do Porto, como consta do respectivo livro de assentos que relata o seguinte:

Entrada em 28 de Abril de 1861, folhas 132.

José Teixeira da Silva (o do Telhado), que assim disse chamar-se. Proprietário e capador, de 40 anos de idade, casado com Anna Sentine de Campos, filho de Joaquim Teixeira e de Maria Sentine, já falecidos, natural da freguesia de S. Pedro do Rei, Caíde, Comarca de Louzada, estatura alta e corpulento,

rosto redondo e corado, barba comprida e cor de castanha escura e cabellos e olhos da mesma côr, vestido com calça de cazemira em xadrez preto e branco sinta encarnada e collete e cazaco de panno preto declarou que já aqui esteve preso e agora por diferentes crimes, pelos quaes foi condenado a trabalhos públicos por toda a vida para a Africa Ocidental.

Há ainda duas notas à margem, redigidas nos seguintes termos:

R.am Removido para as Cadeias do Limoeiro em 30 de Ob.^{to} de 1861 S. Mattos — Malta Rdo, Juiz Lima Esc.^{ram} S.^a Pe.^{ra}.

Na cadeia da Relação do Porto foi José do Telhado companheiro do insigne escritor Camilo Castelo Branco que, no seu livro MEMÓRIAS DO CARCERE, se refere largamente ao famoso salteador. É dessa obra que respigamos algumas passagens que evidenciam bem a delicadeza de sentimentos do escritor e a situação desesperada do antigo quadrilheiro.

Chegou a véspera de ser levado ao Tribunal do Marco de Canavezes, e não tinha dinheiro para as suas despesas de jornada, nem vinte e cinco moedas para jogar a defesa ao Doutor Marcelino de Mattos, com quem no princípio se ajustara por cinquenta.

Escreveu-lhe esta carta, cujo autógrafo conservo, porque há nele vestígios de lágrimas:

"Dou parte a Vossa Senhoria que até agora nada pude arranjar. Mandei empenhar a minha roupa. Se alguma coisa arranjar, participarei; se não mande-me Vossa Senhoria os papeis para eu os entregar ao defensor que o for por caridade", etc. ...

Marcelino de Mattos defendeu gratuitamente o seu cliente. Querer dar-lhe a liberdade era um paradoxo; querer salvá-lo da pena capital era um arrojo. E salvou-o.

Na mesma obra, Camilo foca ainda um aspecto que caracterizou bem o temperamento do seu companheiro. Diz ele:

José Teixeira entrou para a Relação com seiscentos mil reis. Deu largas ao seu antigo prazer de esmolar necessitados, e em volta d'elle todos o eram. Alimentou e vestiu o parricida Mendes, seu secretário, advogado e particular amigo. Às levas de degredados distribuía grandes esmolas; e presos indigentes d'outras repartições da Relação acharam sempre n'elle a ardente caridade que seria a gloria e o ceu d'um justo. Algumas vezes o visitou a mulher na carcere, e rogava-lhe de mãos erguidas que dispendesse menos, para ella poder, com os rendimentos da mesquinha casa, alimentar os filhos.

Ainda o mesmo escritor, mas em carta dirigida ao seu particular amigo Beça, e datada de 29 de Outubro de 1860, refere a dado passo:

— Quando vejo o José do Telhado sofrer em paciência as injustiças que lhe fez o mundo, cobro alento para perdoar as que me fazem

Após longa permanência na Cadeia do Limoeiro, em Lisboa, para onde transitara, é transferido para o Castelo de S. Jorge, onde ocupou uma das prisões do pavimento subterrâneo. Aí veio encontrar um antigo companheiro de guerrilha, no tempo da Patuleia, que muito o ajudou a amenizar os últimos dias passados no continente.

VIAGEM PARA O DEGREDO

Conduzido por uma escolta da Marinha, José do Telhado é levado para bordo do brigue PEDRO NUNES, que parte rumo a Angola.

Foi agitada a viagem que o conduziu ao degredo, toda ela entrecortada de peripécias, que permitiram que reafirmasse, exuberantemente, os seus dotes de abnegação e de coragem.

Certo dia, avistam, a alguma distância, a galera VENTUROSA, a bordo da qual deflagra violento incêndio. Tomam-se disposições para salvar a tripulação e os passageiros do navio sinistrado.

José do Telhado pede para que o deixem tomar parte activa nas arriscadas manobras de salvamento.

Dirige-se num escaler, com alguns marinheiros, ao navio em chamas e, após porfiados esforços, recolhem parte dos tripulantes da VENTUROSA. Porém, há uma mulher que se nega a abandonar o corpo do pai que perecera vítima do incêndio.

José do Telhado sobe então decididamente a bordo, embora instado para que o não fizesse pois um carregamento de pólvora, prestes a ser atingido pelas chamas, poderia em perigo a sua vida. Num golpe rápido de coragem, consegue encontrar a mulher, arrastá-la e lançar-se com ela ao mar, escassos momentos antes da violenta explosão do carregamento.

A mulher que salvara, que veio depois a reconhecer, era Maria das Dores, filha de um companheiro da Cadeia do Limoeiro. Acompanhara sempre seu pai e com ele seguia a bordo da VENTUROSA, com destino ao degredo.

Alguns dias após este incidente, o PEDRO NUNES recolheu um es-

caler da galera incendiada, apenas com quatro tripulantes, que haviam abandonado o navio mal o fogo deflagrara.

Após alguns dias fundeava o PEDRO NUNES na baía de Ana Chaves, em S. Tomé.

Aí desembarcaram as mulheres e homens que haviam recolhido no alto mar; Maria das Dores negou-se a seguir para terra, pois era seu desejo acompanhar o homem que a salvara até ao termo da viagem.

EM ANGOLA

José do Telhado dá entrada no Depósito de Degredados, em Luanda, situado na Fortaleza de S. Miguel.

A narrativa da série de incidentes ocorridos durante a viagem e de que havia sido protagonista, depressa chegou ao conhecimento do comandante e oficiais do depósito.

Ali veio encontrar José do Telhado antigos companheiros dos assaltos que efectuara no Norte do país e que o receberam com consideração e até com respeito.

A sua chegada a Angola coincidiu com o período em que os indígenas andavam em rebeldia. O comandante da Fortaleza, face às informações que tivera sobre o comportamento de José do Telhado durante a viagem e bem assim do seu passado como militar, chama-o e pede-lhe que se aliste, para combater ao lado das nossas tropas. José do Telhado aceita.

Tempo depois marcha para o Bembe, no interior do Ambriz, fazendo parte da coluna comandada pelo major Teotónio Maria Coelho Borges e na qual se integram vários degredados da Fortaleza de S. Miguel, que ele próprio treinara.

A expedição, organizada em Luanda, embarca no PEDRO NUNES a caminho do Norte.

José do Telhado toma parte em operações e aí reafirma a sua valentia e os seus inultrapassáveis dotes de coragem que anos antes o tinham enobrecido na guerra.

Após longo período no mato, enfrentando as maiores vicissitudes e arriscando inúmeras vezes a vida pela Pátria, acaba por adoecer, vítima das febres, que muito o debilitam.

Foi durante essa época que se tornou grande amigo de Bandy, um preto que era chefe dos "empacasseiros" e guia da coluna do Bembe, homem que lhe foi sempre extremamente leal e dedicado e que o acompanhou ao longo dos anos.

O estado de saúde de José do Telhado obriga-o entretanto a regressar a Luanda.

Chamado à presença do Governador-Geral, o capitão-de-fragata José Baptista de Andrade, comunica-lhe este que vai propor a El-Rei que lhe seja comutada a pena, em virtude dos excepcionais serviços que prestara.

Embora absorvido pela vida dura e agitada que levava, continua a dedicar inexcedível amor pela família, enviando sempre todo o dinheiro que podia economizar. A mulher e os filhos, desprezados por toda a gente, exaustos de recursos, arrastavam a vida na maior miséria, pois o dinheiro que José do Telhado mandava pelos "obsequiosos" portadores, nunca chegava ao seu destino. Todas estas notícias o afligiam e lhe minam a existência.

Já então em Benguela, é convidado pelo governador do distrito

para efectuar uma importante missão de reconhecimento através do mato, a fim de saber o que se passava em áreas do interior que, há muito, vinham sendo objecto da atenção de exploradores estrangeiros e de missionários.

Entretanto, quando já realizava, na companhia do seu amigo Bandy, os preparativos para a longa caminhada através do mato, é surpreendido pela notícia da substituição do governador do distrito. Caem assim por terra os planos da missão que tanto o apaixonava.

OS ÚLTIMOS ANOS

Ao seu encontro vem uma pequena escolta militar, que o informa do facto e, ainda, de que haviam sido revogadas as anteriores determinações sobre o cumprimento do serviço de que fora incumbido, intimando-o a regressar ao Depósito de Degredados.

Desgostoso e desiludido, José do Telhado limita-se a dizer ao comandante da escolta:

— *Levarás tudo quanto pertence ao Governo; a mim não; desde hoje só pertença a mim mesmo.*

Perdidas as esperanças de que lhe fosse comutada a pena, como tantas vezes lhe fora prometido, decide dirigir-se para o interior de Angola até que atingiu a pequena povoação de Xissa (hoje Mucari), terra natal do Bandy, e aí resolve fixar-se.

Confessa então a Maria das Dores, que nunca o abandonara, que está resolvido a voltar à vida que levava antes e diz-lhe também que não pretende ser para ela mais do que um irmão, que gostaria portanto de a ver casada com um negociante, alguém que a levasse para a costa e a pudesse fazer feliz.

Ela nega-se a deixá-lo, enleada por eterna gratidão e afecto.

Contudo, José do Telhado, que se integrara totalmente na vida, usos e costumes dos indígenas, decide-se a casar, por sugestão do Bandy, com as filhas de três sobas poderosos da região.

Resolve enviar Maria das Dores para o continente. Foi dramática tal separação.

A partir daí, José do Telhado levou uma vida totalmente dedicada ao comércio e à caça, ajudando os indígenas desprotegidos, fazendo justiça por suas próprias mãos, descrente como estava da justiça dos homens.

Os jornais de Portugal aludem, de quando em vez, às actividades de José do Telhado, em África. Assim, no "Diário de Notícias" de 13 de Julho de 1870, publica-se uma notícia que, tendo por epígrafe o nome do famoso salteador, dizia:

Este nome, quase legendário entre alguns povos das províncias do norte e há tempos desaparecido dos registos da imprensa, que tão largo espaço encheram com as funestas proezas da personagem terrível que ele representa, caíu-nos ontem debaixo dos olhos uma nota manuscrita com que nos honra um dedicado colaborador de Angola, acompanhada do cortejo de negrumes que de ordinário emoldurava as notícias do terrível facínora.

Eis a nota, que por si só diz mais do que quantos comentários pudésemos fazer sobre a incorrigibilidade deste grande criminoso:

— *O degredado José do Telhado tem cometido grandes atrocidades no sertão de Muata Yanvo.*

A par dos assaltos que praticava e de o seu nome ser temido em toda a região, ele gozava contudo de enorme prestígio, mercê das atitudes que assumia, em defesa das vítimas de actos de injustiça e de despotismo.

Face a repêtidos procedimentos que tomara perante as autoridades de Malange, resolveu o governador do distrito, enviar-lhe um emissário, intimando-o a comparecer na sua residência.

Falou-lhe este com ar arrogante, de quem tinha a protegê-lo a força da autoridade que o enviara.

Foi o mensageiro mal sucedido, pois negou-se José do Telhado a comparecer perante o governador. Limitou-se a dizer: — *Diz-lhe que venha cá, ele.*

Dias passados, surgiu de novo o emissário, então já com ar tímido e submisso, que deixava bem transparecer as consequências do insucesso da sua anterior diligência.

Todavia, José do Telhado continuou a recusar-se a cumprir a ordem do "governo".

Face às súplicas do mensageiro, que lhe fez sentir que recairiam sobre si as consequências da desobediência, resolveu José do Telhado anuir à intimação. Declarou que, a seu tempo, lá apareceria...

Reuniu então toda a sua gente e partiu, nessa mesma noite, a caminho de Malange.

Ao amanhecer do dia imediato cercou com os seus homens a residência do governador.

Bateu à porta, entrou e, sem qualquer aviso, apresentou-se junto da autoridade.

— *Quem é você?*

— *O José do Telhado.*

— *Pois atreve-se...?*

— V. S.^a não me chamou? Obedeço às suas intimações.

— O atrevimento há-de custar-lhe caro, vou mandá-lo preso para a costa e de lá para a Fortaleza de S. Miguel.

— Engana-se; V. S.^a vai convidar-me para almoçar; o passeio desta noite abriu-me o apetite...

O governador, irado, preparava-se para chamar a sua guarda, quando José do Telhado o aconselhou a assomar à janela. Assim fez.

Não queria acreditar no que via.

Reflectiu, e achou por bem dar ordens para que aos empacasseiros fosse fornecido o "mata-bicho" e o irreverente comerciante se sentasse à sua mesa para almoçar.

Contrastando com procedimentos desta natureza, ele continuava a ter rasgos de extrema abnegação, de que constitui exemplo evidente o incêndio deflagrado na aringa do comandante Castro, em que José do Telhado salvou a mulher daquele oficial, que se encontrava doente e impossibilitada de sair da cama.

A MORTE

Em 1875 chegava a Lisboa a notícia de José do Telhado se ter finado, no interior de Angola. O jornal "Diário de Notícias" de 16 de Setembro daquele ano, publicava a notícia nos seguintes termos:

José do Telhado

José do Telhado, o célebre bandido que agora faleceu em Malange, tinha rasgos de virtude e generosidade no meio do crime. Como dizia ante-hontem o nosso colega, e já em tempo aqui noticiámos, esse desgraçado fôra soldado de Cavalaria e

depois de se fazer salteador roubava às vezes aos ricos para dar aos pobres. Uma vez a sua quadrilha atacou um lavrador, que ia para uma feira comprar uma junta de bois, e tirou-lhe o dinheiro que para isso levava. O lavrador chorava a sua desgraça dizendo: — Tiraram-me o único dinheiro que tinha e que nem chegava sequer para comprar uma junta de bois para o meu trabalho.

José do Telhado, ouvindo isto, e certificando-se de que era verdade perguntou-lhe:

— Quanto precisa você para comprar os melhores bois?

O lavrador indicou-lhe a soma, que era muito mais do que o dinheiro que lhe tinham roubado, e o salteador, desta vez homem de bem, deu-lha exclamando:

— Ahi tem. O dinheiro de um padre rico não pode ter melhor emprego que o de ajudar um lavrador pobre.

A quadrilha tinha efectivamente roubado naquela noite um padre abastado.

A piedade dos seus serviços erigiu-lhe um singelo túmulo, em redor do qual ficaram também sepultadas, em campas assinaladas por pequenos montes de pedras, as mulheres indígenas que foram as companheiras dos últimos tempos da sua atribulada existência.

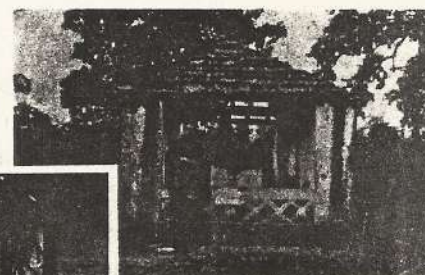
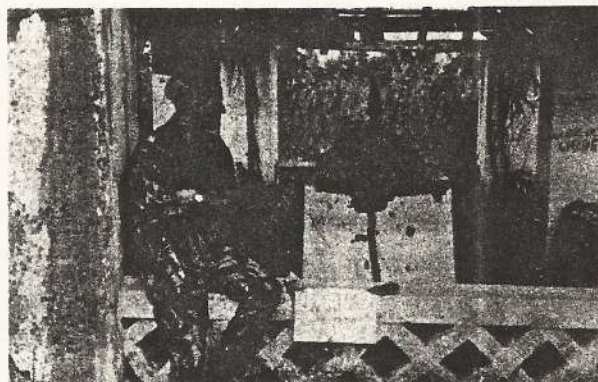
Foi em 1964 que, ao percorrer as terras do distrito de Malange encontrei em Mucari, em pleno mato, o túmulo de José do Telhado.

Sob um alpendre ameaçando ruína e assente em seis danificados pilares, ali permaneciam os restos mortais do célebre salteador podendo ler-se a seguinte inscrição, aliás já pouco perceptível.

Aqui jaz José do Telhado. Faleceu em 1875.

José do Telhado, protagonista de inúmeras proezas que no século passado assolaram o Norte do país, foi também o homem que o destino não favoreceu, uma vítima da ingratidão e das traições de muitos, que assim o arremessaram para a senda do crime, não permitindo jamais que a sua valentia, invulgar generosidade e abnegação, o tivessem tornado um homem útil à sociedade. □

O alpendre que abriga a sepultura de JOSÉ DO TELHADO



A sepultura de JOSÉ DO TELHADO